

O FIASCO DOS DISCOS VOADORES

(Por John G. Fuller)

A história extraordinária do "truque" de meio milhão de dólares, para fazer os americanos acreditarem que o Comitê Condon estava conduzindo uma investigação objetiva. (Tradução integral do artigo publicado na revista LOOK de 14 de maio de 1968).

Uma estranha série de incidentes verificados no estudo de objetos aéreos não identificados na Universidade de Colorado levou vários membros do Comitê de cientistas a um quase motim, Phds à demissão, além da renúncia da assistente administrativa do projeto. O estudo, anunciado como uma investigação científica totalmente objetiva de um dos mais estranhos fenômenos dos tempos modernos, já custou ao contribuinte quase meio milhão de dólares. O Comitê deverá apresentar seu relatório no fim do ano.

O anúncio feito pelo Secretário da Defesa em outubro de 1966 de que a Força Aérea tinha selecionado o Dr. Edward V. Condon e a Universidade do Colorado para contratá-los para uma investigação sobre objetos aéreos não identificados foi bem recebida, tanto pelos céticos como pelos que acreditam na existência dos discos voadores.

O Major Donald Keyhoe e o Comitê Nacional de Investigações de Fenômenos Aéreos (NICAP), que se constituia num dos maiores críticos da investigação da Força Aérea anunciou publicamente sua intenção de colaborar cautelosamente e ofereceu seus préstimos e os do NICAP e seu sistema nacional de investigação ao novo grupo de pesquisas. Condon, então com 64 anos de idade, físico notável e presidente em exercício da Associação Americana Para o Avanço das Ciências, e da Associação Americana de Física, lutara contra o Comitê de Atividades Anti-Americanas e dirigira o Escritório Nacional de Padrões do Governo dos Estados Unidos, de 1945 a 1951. Sua liderança, demonstrada nessas ocasiões, parecia prometer objetividade científica no estudo. Só dois detalhes pareceram intranquilizar alguns observadores: quatro dos cinco investigadores anunciados eram psicólogos e, além disto, Robert J. Low, coordenador do projeto e homem-chave das operações do estudo era formado (grau de mestrado) em administração de empresas (embora fosse bacharel em engenharia elétrica). Alguns críticos sentiram a necessidade de mais cientistas físicos. Condon assegurou-lhes que mais tarde o Comitê estaria mais bem balanceado e realmente isso aconteceu.

O Comitê sofreria seu primeiro contratempo já em outubro de 1966, quando uma manchete do Denver Post anuncjava: "Universidade do Colorado repele estudo de OANIS". Low era citado como tendo declarado que o projeto de estudo de OANIS "estava bem perto dos critérios da não aceitabilidade", como função da Universidade.

Mas os problemas maciços de início do projeto deixaram pouco tempo para se debater tal declaração. Receberam-se comunicados nos quais o Dr. J. Allen Hynek, Chefe do Departamento de Astronomia da Northwestern University, e um dos poucos cientistas do país que tinham estudo de OANIS seriamente, fornecia ao Comitê todas as informações que obtinha...

nos seus vinte anos como consultor científico da USAF. Depois, autoridades como o Major Keyhoe e Richard Hall, da NICAP, o Major Hector Quintanilla, da investigação de OANIS da USAF e o Dr. James McDonald, físico do Instituto de Física Atmosférica e catedrático do Departamento de Metereologia da Universidade do Arizona, juntaram-se ao grupo. McDonald tinha levado a cabo uma extensa investigação por conta própria. Depois de examinar centenas de relatos bem documentados de avistamentos por pilotos militares e civis, operadores de radar policiais, observadores técnicos de gabinete, além de leigos equilibrados, McDonald rejeitara como inaceitáveis as explicações costumeiras para os "discos voadores", tais como: raios-bola (plasma), alucinações, fraudes e interpretações erradas de fenômenos comuns. Concluía que somente "competências científicas incrivelmente limitadas haviam participado dos estudos da Força Aérea dos Estados Unidos nos últimos quinze anos e que infelizmente, durante todo esse tempo, a comunidade científica e o público vinham sendo repetidamente informados de que só estavam sendo usados talentos científicos respeitáveis..."

Desde o princípio houve atrito entre o Dr. McDonald e Robert Low, coordenador do projeto. Low, que fala baixinho, macio e reservadamente, contrastava frontalmente com McDonald, que é extremamente impulsivo e franco.

O relacionamento entre o grupo do Colorado e o NICAP era de capital importância. O NICAP era grande, bem organizado e poderia fornecer informações em escala nacional. O Nicap esperava que o grupo do Colorado retivesse sua objetividade científica, concentrando-se nos dez por cento de casos de "alta credibilidade" assim como os que eram estudados pelo Dr. McDonald.

A primeira turbulência afetou o novo projeto em fevereiro de 1967. Condon, pressionado por pesadas responsabilidades em muitos projetos públicos e de educação, não podia ficar muito tempo nos escritórios do projeto. Low assumia a maior parte das responsabilidades quanto à tomada de decisões. Mas no dia 25 de janeiro, Condon, conhecido pelo seu estilo leve e anedótico, falou perante um grupo da Sigma XI, a fraternidade científica honorária. O jornal "Star Gazette" de Elmira NY, assim reportou seu discurso: "Os objetos aéreos não identificados não têm nada a ver com a Força Aérea".... disse o Dr. Edward Condon, na noite de quarta-feira... O Dr. Condon não deixou dúvida sobre suas idéias a respeito: "é minha inclinação recomendar agora ao governo para acabar com este negócio. Acho mesmo que não há nada de aproveitável". E, sorrindo acrescentou: "eu não tenho a intenção de gastar outro ano procurando uma conclusão". A reportagem declarava ainda que Condon dissera: "o que sempre achamos bobagem é entrevistar pessoas que dizem que tiveram algum tipo de experiência... Não sei de nenhum caso em que o fenômeno ficasse lá até depois que a pessoa contasse ... e parece singular que essas pessoas preferissem voltar para casa, para depois contarem o que viram".

Keyhoe sabia de casos onde "o fenômeno ainda estava lá depois que a pessoa contasse" e onde os observadores não tinham ido para casa antes de contarem o sucedido. Keyhoe estrilou, pois sabia que Condon nem quando havia feito pesquisas de campo em pessoas, e que nenhum dos

membros do Comitê havia completado qualquer pesquisa significativa. O projeto só tinha três meses de idade. Disse na ocasião a David Saunders, membro do projeto: "tenho de admitir que estou chocado com essas declarações. Afinal, isto é ou não é uma investigação científica?" Condon escreveu a Keyhoe dizendo que alguns dos seus comentários tinham sido tirados fora do contexto. O NICAP lançou a seguinte declaração: "Ainda que retenhamos algumas reservas quanto às impressões acerca das atitudes do Dr. Condon, que nos chegaram pela imprensa, não vemos nenhuma razão para aderir aos cépticos que pensam ser o projeto a mais recente manobra da Força Aérea e de sua campanha de ocultação. Conhecemos vários dos cientistas adidos ao projeto, estamos satisfeitos de modo geral com seu espírito largo e seus planos meticolosos..."

A cooperação com o NICAP tornou possível estabelecer um Sistema de Alarme, e os investigadores eram agora despachados para relatórios de campo. Saunders dava particular atenção às pesquisas de campo como também a um livro-mestre de casos, além de discussões de casos mais importantes entre os membros do Comitê. Low estava dando considerável liberdade de movimento na maneira de tratamento que eles davam ao problema. Condon, a alguma distância em seu gabinete, não aparecia freqüentemente fazendo que alguns do Comitê se sentissem frustados quando tentavam encontrá-lo. Durante esse período, pareceu-lhes igualmente que vários casos potencialmente interessantes eram rejeitados para investigação por Low por razões especiosas.

Outro investigador científico juntou-se ao projeto, o Dr. Norman Levine, que imediatamente sentiu a atmosfera carregada entre Low e os membros do projeto. O próprio Condon foi ouvido quando dizia que desejava que o projeto devolvesse a verba.

Um bacharelando, membro do Comitê, que tinha sido convidado a fazer uma exposição para uma associação de professores começou a procurar por detalhes específicos a respeito da origem do projeto. Disseram-lhe que ele talvez encontrasse alguma informação nos arquivos abertos sob o título "Contrato com a Força Aérea e Antecedentes". O sistema de arquivos não confidenciais e abertos era parte política geral de manter o projeto fora da categoria capa-e-espada. Num outro memorando, Low dissera: "O ponto-chave, parece-me, é que nossos arquivos não sejam seguros, não sejam confidenciais e que nem possam sê-lo ... É inconsistente com os propósitos de uma Universidade manter secretos quaisquer registros de atividades de pesquisa ou outros registros quaisquer."

O citado membro do Comitê achou a maior parte do contrato bastante aborrecida de se ler, mas num memorando escrito por Low e dirigido a funcionários da Universidade, em 9 de agosto de 1966, havia alguns detalhes significativos. Intitulado "Alguns pensamentos sobre o projeto OANI", tinha sido escrito antes da assinatura do contrato. Nele, dizia Low: "... Nesse estudo deve ser conduzido quase que exclusivamente

por céticos que, embora provavelmente não possam provar um resultado negativo, poderiam e talvez conseguiram reunir um conjunto impressionante de provas de que não há realidade nas observações. O "truque" seria, penso eu, apresentar o projeto de tal forma que, para o público, ele pareça um estudo totalmente científico, apresentando porém para a comunidade científica, a imagem de um grupo de céticos que fez o máximo para ser objetivo, mas que teve uma expectativa quase nula de comprovar um "disco". Uma maneira de fazer isto seria concentrar as investigações não no fenômeno físico em si, mas sim nas pessoas ou grupos que dizem ter visto OANIS; se a ênfase for colocada nesta questão, mais do que no exame do velho problema da realidade física dos "discos", creio que a comunidade científica compreenderá rapidamente a mensagem ... Estou inclinado a crer, neste estágio preliminar, que se fizermos a coisa direito, esforçando-nos em conseguir as pessoas adequadas e tivermos sucesso na apresentação da imagem que queremos dar à comunidade científica, poderemos liquidar esta tarefa, para nosso benefício."

Quando Levine leu o memorando, ficou inquieto ante a palavra "truque" e acerca da frase que recomendava que a investigação "parecesse um estudo totalmente objetivo para o público". Outros do Comitê experimentaram idêntica reação. Em seguida, muitos membros do Comitê voltaram a se inquietar novamente ante as notícias de que o Dr. Condon decidiu-se a assistir a um congresso de "ufologistas" em New York em junho. Era simplesmente uma convenção de pessoas "por fora" e pretensas testemunhas de ocorrências não documentadas e extremamente divertidas.

No dia 18 de setembro, Condon, Low e Saunders voltaram a se encontrar após muitas semanas. Como resultado da leitura do memorando de Low, Saunders estava plenamente convencido da inadequação do tratamento dado ao problema dos OANIS. Seria fácil, como percebera, concentrar-se no caso de doidos e farsantes e manejosamente eliminar qualquer possibilidade de considerar o problema com seriedade. O encontro durou três horas. Low falou a maior parte do tempo. Condon parecia cansado. A posição de Low foi a de que Saunders estava metendo o nariz onde não era chamado. A de Condon foi a de que nem sabia do que Saunders estava falando. Saunders foi levado a acreditar que, se a chance da hipótese da inteligência extraterrestre (ETI) se consubstanciasse, o anúncio do resultado seria levado pessoalmente por Condon diretamente à Força Aérea e ao Presidente, e nunca cairia no domínio público. Saunders sentiu-se preocupado, porque haviam lhe dado a entender anteriormente que o relatório seria entregue primeiro à Academia Nacional de Ciências e depois, simultaneamente, ao público e à Força Aérea. Sentiu que não poderia deixar as coisas como estavam. Marcou-se um novo encontro.

Nessa ocasião, Keyhoe declarou peremptoriamente que o NICAP iniciaria uma forte resistência contra o Comitê Condon e não mais seriam fornecidos a este dados e material. A razão alegada foi um novo pronunciamento feito por Condon no Simpósio de Espectroscopia Atômica em Gaithersburg, Md., em 13 de setembro de 1967. Um rútor do citado pronunciamento

ciamento chegou às mãos do Dr. McDonald, através de carta de um colega seu da Universidade do Arizona, o Dr. William S. Bickel, professor assistente de Física naquele estabelecimento. "A fala do Dr. Condon foi engraçadíssima", escreveu Bickel, mas para mim foi uma surpresa e um desapontamento. O Dr. Condon fez questão de enfatizar coisas ridículas. Falou de uma oferta que lhe foi feita por um "contacte" (Nota: gíria americana que designa pessoas que afirmam ter entrado em contacto com tripulantes de "discos"), que ofereceu-se para apresentá-lo à tripulação de um "disco", em troca de uma soma respeitável a ser depositada num banco ... Disse que deixara o caso de lado, pois provavelmente era uma fraude... O que sinto em relação aos OANIS é o que sentem muitas pessoas - não sei o que são, mas acredito que as pessoas estão vendo coisas reais e que um ataque ao problema por parte de cientistas desvendará o mistério - sejam eles quem forem... O efeito nítido da fala do Dr. Condon foi zero, senão, negativo. Respondendo a Bickel disse McDonald:- "os birutas são tão imediatamente reconhecíveis, que ninguém precisa perder tempo com eles... Custa a compreender porque qualquer grupo científico devesse receber explicações de qualquer membro do Comitê do Colorado acerca de marginais malucos..."

Uma palavra a respeito veio de Keyhoe, segundo o qual ele estava esboçando uma longa carta ao grupo de estudos do Colorado e que o NICAP iria reconsiderar sua cooperação somente se as respostas a uma série de perguntas fossem satisfatórias.

Em 27 de setembro o "ROCKY MOUNTAIN NEWS" (Denver, Colorado) publicou esta manchete:- "Chefe do Grupo de Pesquisas de OANIS desencantado." Condon teria dito então:- "Estou quase inclinado a pensar que tais estudos devam ser interrompidos, a não ser que alguém apareça com alguma nova idéia a respeito... O século XXI talvez morra de rir com algumas coisas que fizemos. Isto (o estudo de OANIS) pode ser uma delas."

A maioria do Comitê começou a pensar em várias proposições, incluindo a renúncia em massa ou então a distribuição de um comunicado à imprensa ou de um relatório minoritário. Outra proposta foi o estabelecimento de um grupo independente de cientistas para explorar os relatos racionais e eliminar a fixação na área dos malucos. Houve concordância geral que um estudo objetivo do problema deveria ser feito e que descobertas, acuradas e não pré-concebidas, deveriam ser distribuídas à Academia Nacional de Ciências, público e Força Aérea. Uma confrontação com Low e Condon foi arranjada e este lamentou que suas declarações tivessem parecido na imprensa. Vários membros do "staff" verbalizaram sua preocupação de que o conteúdo e forma do relatório refletissem o que eles sentiam agora, ou seja, o preconceito dos dois e que isto seria injustamente negativo para o projeto. O pessoal do "staff" especulou se Condon não estaria cansado ou desencantado. Ele permaneceu um enigma para todos porque sabia-se bem pouco dele.

Posteriormente num encontro informal em

Denver, no dia 12 de Agosto de 1967, Saunders, Lewine, McDonald e Hynek

concordaram que uma nova organização poderia ser formada exclusivamente por membros de nível profissional, designados para assegurar a continuação de um estudo inteligente do problema dos OANIS fosse o resultado do Relatório Condon, negativo ou positivo. Depois que Hynek foi embora, McDonald soube do memorando de Low pela primeira vez e ficou chocadíssimo. No dia 19 de janeiro de 1968 Low telefonou para McDonald na Universidade do Arizona. McDonald lembrou a Low do tom claramente negativo das declarações públicas de Condon, inclusive de sua preocupação inquietante com elementos desequilibrados. Trouxe também à tona a omissão de Condon, no que tocava à investigação pessoal de casos ou de não ter perguntado ao menos alguma coisa a qualquer membro do Comitê que estivesse fazendo um estudo sério de OANIS. McDonald deixou claro que não era contra descobertas negativas. O que o aborrecia era que as descobertas negativas já estavam sendo claramente anunciamas tanto por ele (Low) como Condon. Low bateu-lhe o telefone furioso. McDonald preparou uma longa carta a Low, recapitulando suas queixas. Low não se animou a ler a carta senão no dia 6 de fevereiro. Nela, McDonald dizia pela primeira vez o que achava do memorando, citando a Low frases sobre o "Truque". "Estou intrigado com tais pontos de vista", escreveu McDonald, "embora entenda que eles sejam inteiramente honestos para o senhor, além do que esta parte dos registros presumivelmente não estaria ao alcance de uma inspeção nos arquivos abertos do projeto..." A sra. Mary Louise Armstrong, que tinha trabalhado estreitamente com Low como sua assistente administrativa, estava no gabinete quando Low terminou a leitura da carta. Low explodiu, dizendo que fosse quem fosse que tivesse dado o memorando a McDonald, deveria ser despedido imediatamente. Depois pareceu acalmar-se.

Na quarta-feira, 7 de fevereiro, Saunders foi intimado a comparecer ao gabinete de Condon, estando presentes este e Low. Questionou-se sobre o memorando. Será que Saunders saberia da existência do mesmo ou como foi apanhado? Saunders disse que o memorando era apenas parte do problema. Isoladamente não era tudo. O que importava e estava em jogo era a integridade científica. Condon, furioso por não ter sido informado a tempo de que McDonald sabia do memorando, disse a Saunders: "Por um ato como este, você deveria ser arruinado profissionalmente." Saunders replicou dizendo que Condon e Low pareciam estar tratando dos sintomas e não da doença. Lembrou o esforço de todo o Comitê para conseguir que os dois modificassem seus modos intratáveis. Recapitulou uma longa sequência de fatos lembrando a Low que ele tinha bloqueado a investigação de um fantástico caso de OANI, em particular. Low protestou dizendo que a investigação deste caso estava encerrada. Nenhuma menção desabonadora foi feita ao trabalho de Saunders propriamente dito.

O Dr. Levine foi intimado a comparecer ao gabinete ainda durante a presença de Saunders, que fez menção de ali permanecer. Low levantou-se de sua cadeira e empurrou-o porta afora. Levine irritou-se com a expulsão de Saunders. De novo começaram as perguntas sobre o memorando. Levine disse que estava em Denver quando o memorando foi entre - que a McDonald. Achava que não havia nada de Confidencial nequele e que não

viu nada de mais no feito. Condon replicou perguntando porque Levine não lhe trouxera o memorando. Levine respondeu que havia pouca possibilidade de comunicação efetiva com ele (Condon) diante dos seus pronunciamentos públicos. Contou a Condon que Low batera-lhe com a porta na cara quando ele mencionara a manipulação (por Low) de uma caso na Base Aérea de Edwards e lembrou-lhe que Condon em pessoa sugerira que ele, Levine, saisse de circulação, pretextando doença quando estava programado para fazer um pronunciamento no Observatório de Alta Altitude do Colorado. Condon acusou-o de deslealdade e traição e Levine replicou que a lealdade a um objetivo científico tinha precedência sobre lealdade pessoal. Condon perguntou-lhe então porque Levine não o convidara para sair e investigar casos importantes. Levine deu a entender que achava que era dele o dever de convidar o Chefe de uma investigação para investigar. A querela durou uma hora, quando subitamente Condon dispensou-o.

Mrs. Armstrong tinha se juntado ao projeto nos seus primórdios, sem nenhuma convicção própria sobre os OANIS. Mas, já em fevereiro de 1967, já estava convencida de que o estudo estava sendo pessimamente dirigido. Quando, no dia 7 de fevereiro de 1967 Condon contou-lhe que ia despedir Saunders e Levine no dia seguinte, ela pensou em renunciar imediatamente a seu cargo. Mas depois decidiu-se a confrontar Condon com aquilo que encarava como clara e incontestável documentação de fatores ocultos pelo desagrado e baixa moral reinante no Comitê. Conversou com Condon em 22 de fevereiro de 1968 no seu gabinete. Falou-lhe francamente que parecia haver falta de confiança unânime em relação ao coordenador do projeto e sua direção científica. Salientou que Low demonstrava pouco interesse em conversar com aqueles que levavam as investigações a cabo ou em ler seus relatórios. Disse também que, em sua longa associação com Low, este dera-lhe provas cabais de que estava tentando dizer o mínimo e da maneira mais negativa possível no relatório final. A pedido de Condon escreveu uma espécie de carta de reforço na qual acrescentava que o famoso memorando indicava que Low não estava sem preconceitos desde o início. Condon escreveu-lhe então: "Minha posição é de que aquela carta seja assunto confidencial entre nós dois e que revelá-la a alguém mais será uma falta de ética grave." Mas depois de longa consideração, Mrs. Armstrong concluiu que era de interesse público o de expressar claramente os seus sentimentos.

Os outros que abandonaram o projeto também sentiram-se instados a falar. Quando Condon deixou de responder à sua carta crítica e franca, McDonald levou o assunto perante a Academia Nacional de Ciências num vigoroso protesto por escrito. Saunders e Levine limparam suas gavetas no Woodbury Hall e partiram.

Perguntado sobre o quase-motim no Corpo de investigadores, Condon disse não ter nada a comentar. Low declarou também que definitivamente tinha "zero comentários" a fazer sobre as exonerações.

Thurston E. Manning, vice-presidente e das faculdades da Universidade do Colorado deixou claro através de sua secretaria que não tinha nada a dizer. *A esperança acaba pelo investimento dos estudos do Colorado propõe-se. Tudo que parecer restar foi o "brinquedo" de 500.000 dólares.*